

Escatologia Confessional

Andrew Sandlin

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Escatologia, “o estudo das últimas coisas ou do futuro em geral”,² é um assunto de discórdia, mesmo – talvez especialmente – entre cristãos conservadores. A principal fonte de disputa é geralmente a relação da segunda vinda (ou, se a pessoa for dispensacionalista, vindas) de Cristo com o milênio mencionado em Apocalipse capítulo 20. Há várias matizes de opiniões escatológicas, desde o pré-milenismo dispensacionalista, pré-milenismo histórico, amilenismo, “amilenismo otimista” e pós-milenismo, até espécies particulares desses pontos de vista, incluindo o pré-milenismo dispensacionalista pré-tribulacional, pré-milenismo dispensacionalista medo-tribulacional, pré-milenismo dispensacionalista pós-tribulacional e o arrebatamento parcial.

A igreja histórica não devotou nem de longe tanta atenção à escatologia como devotou a outras questões – por exemplo, a Trindade, Cristologia e soteriologia (as doutrinas da salvação pessoal). Esses assuntos, que formam o cerne da mensagem cristã, eram o ponto focal da controvérsia teológica durante os dezesseis primeiros séculos da igreja; portanto, eles acumularam significativa atenção e formulação nos credos. O fato de a igreja ter sido menos inclinada a registrar em seus credos e confissões uma explicação detalhada de suas visões escatológicas tem levado alguns como Berkhof a concluir:

“Até o presente tempo... a doutrina do milênio nunca foi incorporada numa única Confissão e, portanto, não pode ser considerada como um dogma da igreja”.³

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em 17 de abril de 2008.

² Millard Erickson, *Concise Dictionary of Christian Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1986), 50. Esse ensaio diz respeito à escatologia cósmica, e não individual, a primeira referindo-se ao plano de Deus para a raça humana e a Terra coletivamente, e a última ao plano de Deus para os indivíduos convertidos e não-convertidos.

³ Louis Berkhof, *The History of Christian Doctrines* (Edinburgh: Banner of Truth [1937], 1969), 264.

Embora esse comentário contenha uma medida de verdade, o corolário de tal sentimento é convencer os historicamente descuidados que as visões escatológicas de uma pessoa não são de grande importância, visto que as confissões são agnósticas sobre a questão da escatologia – ou pelo menos do milenarismo. Mas essa conclusão é patentemente falsa. Pois embora seja verdade que os credos da ortodoxia católica antiga, bem como as grandes confissões da Reforma se esquivaram de uma discussão de termos milenaristas (os quais, em todo caso, não foram inventados até o último século), as noções escatológicas de alguns dos últimos documentos não podem ser entendidas igualmente bem em qualquer dos três principais sistemas (pré-milenismo, amilenismo e pós-milenismo). Um exemplo importante é o Catecismo Maior da Confissão de Fé de Westminster, cuja escatologia pós-milenista parece implícita. Por exemplo, a questão 45 pergunta: “Como exerce Cristo as funções de rei?” A resposta é:

“Cristo exerce as funções de rei chamando do mundo um povo para si, dando-lhe oficiais, leis e disciplinas para visivelmente o governar; dando a graça salvadora aos seus eleitos; recompensando a sua obediência e corrigindo-os por causa dos seus pecados; preservando-os e sustentando-os em todas as tentações e sofrimentos; restringindo e vencendo todos os seus inimigos, e poderosamente dirigindo todas as coisas para a sua própria glória e para o bem do seu povo; e também castigando os que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho”.⁴

Não há lugar nessa resposta para um mundo crescentemente mau, como defendido pelo dispensacionalismo⁵ e muito do amilenismo⁶. Para que o dispensacionista não pense que as expressões “restringindo e vencendo todos os seus inimigos” e “castigando os que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho” referem-se exclusivamente ao exercício das prerrogativas de Cristo como Rei após seu segundo advento, ele deve observar a resposta à questão 42, que declara que Cristo “executa as funções de profeta, sacerdote e rei da sua igreja, tanto no estado da sua humilhação,

⁴ *Westminster Confession of Faith* (Glasgow: Free Presbyterian Publications [1646], 1958), 149-150.

⁵ J. Dwight Pentecost, *Things To Come* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958), 155.

⁶ Herman A. Hoyt, “Amillennialism,” em ed. Robert G. Clouse, *The Meaning of the Millennium: Four Views* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press), 1977, 187.

como no da sua exaltação [presente]”.⁷ Além disso, para que o amilenista não deduza que esses exercícios de governo imperial pertencem somente ao aumento da igreja e não à ampla sociedade, ele deve observar os textos que os formularios do catecismo oferecem como prova de sua afirmação: 1 Coríntios 15:25, Salmo 110:1, e, significativamente, “o Salmo como um todo”.⁸ Os versículos 5 e 6 do Salmo declaram: “O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira. Julgará entre os gentios; tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças de muitos países”. Embora a linguagem empregada aqui seja grandemente figurada e simbólica, a extensão do governo de Cristo claramente transcende a igreja pra incluir as nações gentílicas e governos políticos.

E mais, a resposta à questão 54, “Como é Cristo exaltado em sentar-se à destra de Deus?”, inclui a declaração, “Ele reúne e defende a sua Igreja e subjuga os seus inimigos”, empregando o Salmo 101:1 e “o Salmo como um todo” como prova bíblica.⁹ Obviamente implicado como inimigos que Cristo subjugará em sua autoridade real estão os gentios e os reis da Terra. Essa subjugação, contra o que ensina o pré-milenismo dispensacionalista, ocorre no presente governo de Cristo, e contra muito do amilenismo, se estende além da igreja para incluir o mundo gentílico inteiro.

O Catecismo Maior de Westminster, contudo, não é o único símbolo doutrinário que expõe uma escatologia em harmonia com o pós-milenismo. A Declaração de Savoy de 1658, meramente uma modificação da Confissão de Westminster para se encaixar ao regime Congregacional”,¹⁰ foi produzida por calvinistas ingleses congregacionais como John Owen. Ao capítulo sobre a igreja da Confissão de Westminster, ela adiciona a seção V, na qual lemos:

Como o Senhor ama e cuida da sua igreja, e em sua sábia e infinita providência exerceu tal amor e cuidado com grande variedade em todas as eras, para o bem daqueles que O amam, e sua própria glória; assim, de acordo com a sua promessa, esperamos que nos últimos dias, o Anticristo sendo destruído, e os adversários do reino do seu Filho amado despedaçados, as

⁷ *Westminster Confession of Faith*, 148.

⁸ *Ibid.*, 150.

⁹ *Ibid.*, 155.

¹⁰ Philip Schaff, *The Creeds of Christendom* (Grand Rapids: Baker Book House [1931], 1990), 718.

igrejas de Cristo sendo ampliadas e edificadas por meio da livre e plena comunicação de luz e graça, desfrutem neste mundo de uma condição mais quieta, pacífica e gloriosa do que já tenham gozado.¹¹

Excetuando o uso do termo em si, é difícil imaginar uma declaração mais pós-milenista. Os congregacionalistas originais esperavam “neste mundo” não meramente a destruição dos inimigos da igreja, mas o aumento, edificação e paz dela – justamente como os profetas do Antigo Testamento predizeram.¹²

As confissões e catecismos Reformados não são reservadas ou agnósticas sobre o tópico da escatologia e, especificamente, o milênio, ou sobre o curso dos tratamentos de Deus com a igreja e o mundo. Algumas delas expressam plenamente sua expectativa do avanço do reino de Cristo na história antes do segundo advento, incluindo a subjugação do mal em toda a Terra.

Fonte: <http://www.reformedreader.org/conpost.htm>

¹¹ Ibid., 723. Uma explicação similar é encontrada na resposta à questão 191 do Catecismo Maior de Westminster.

¹² Para defesas adicionais do pós-milenismo, veja John Jefferson Davis, *Christ's Victorious Kingdom* (Grand Rapids: Baker Book House, 1986); J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (no location: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1975); Kenneth Gentry, *He Shall Have Dominion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992); Rousas John Rushdoony, *God's Plan for Victory* (Fairfax, VA: Thoburn Press, 1980).